

## Gesto fecundo

RAUL PILLA

QUANDO o general Fulgêncio Batista assaltou o governo do seu país pela última vez, estava em recesso o Congresso. Limitou-se, por isto, a adiar-lhe a reunião, que deveria ocorrer pouco depois. Chegada, porém, a data em que esta legalmente se deveria fazer, compareceram os membros do Congresso para exercer o seu mandato e foram violentamente impedidos de penetrar no edifício.

Entre nós, muitos haverá que julguem ridículo semelhante gesto. Pois não sabiam os congressistas que não conseguiriam o seu intento e arriscariam a liberdade, quando não a vida? A verdade é, porém, que, praticando um ato aparentemente vão, os congressistas cubanos não só cumpriam o mais elementar dos seus deveres patrióticos — a defesa do mandato popular — mais tiveram também um gesto fecundo.

Tentando reunir-se na data legalmente estabelecida, os congressistas cubanos lançaram em rosto ao reincidente ditador a sua usurpação e proclamaram não se conformar com ela. E, com êles, se ergueu e protestou também a Nação, peada, mas não conformada. É tal gesto aparentemente inócuo, é o corajoso manifesto que depois dêle publicaram o que dá ao mundo livre a esperança de breve ser o novo eclipse da liberdade em Cuba.

Entre nós, em 1937, as instituições democráticas caíram em meio da universal conformidade, sem que houvesse a mais simples aparência de protesto. Levaram muitos anos, por isto, a restabelecer-se e geral é, ainda, a desconfiança de que estejam sòlidamente estabelecidas. Um protesto, como o que fizeram os parlamentares cubanos é, pelo menos, um ferrete indelével na frente dos usurpadores.